



## HEBREUS E O SANTUÁRIO NO CÉU<sup>1</sup>

*Hebrews and the sanctuary in heaven*

Isaac Malheiros<sup>2</sup>

### RESUMO

O conceito de um santuário/templo celestial é bem atestado na literatura judaica helenística, na apocalíptica, nos textos de Qumrán e no AT. Através do método da revisão bibliográfica, e da análise de algumas fontes primárias, este artigo fará uma avaliação de um dos possíveis *backgrounds* conceituais de Hebreus, que revelará que a posição *santuário no céu*, presente na literatura apocalíptica judaica e no AT, é mais facilmente justificável que a posição *santuário como cosmos*, associada com o judaísmo helenístico platônico. A estreita relação entre Hebreus, a literatura apocalíptica judaica e o AT torna possível concluir que Hebreus reflete o conceito de um santuário celestial real (não metafórico), *no céu* (não cosmológico), com dois compartimentos, e em funcionamento.

**Palavras-chave:** Hebreus. Santuário celestial. Literatura apocalíptica judaica.

### ABSTRACT

*The concept of a heavenly sanctuary is well attested in Hellenistic Jewish literature, in jewish apocalyptic literature, in Qumran texts and in the Old Testament. Through the method of literature review and analysis of some primary sources, this study will evaluate*

---

<sup>1</sup> Artigo recebido em 01 de fevereiro de 2017, e aprovado pelo Conselho Editorial em reunião realizada em 08 de fevereiro de 2017, com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

<sup>2</sup> Isaac Malheiros é Mestre em Teologia (EST), graduado em Teologia (UNASP), com especialização em Educação Religiosa Escolar e Teologia Comparada (ESAB). Atualmente, cursa o doutorado em Teologia (Faculdades EST), e participa do Grupo de Pesquisa em Arqueologia e Religião (EST). Bolsista da CAPES. E-mail: [pr\\_isaac@yahoo.com](mailto:pr_isaac@yahoo.com).

*the possible conceptual backgrounds of Hebrews, and this will reveal that the “sanctuary in heaven” model is more easily justifiable than the “sanctuary as cosmos” model, associated with the Hellenistic Judaism. The close relationship between Hebrews, the Old Testament and the Jewish apocalyptic literature makes it possible to conclude that Hebrews reflects the concept of a actual heavenly sanctuary (not metaphorical), in heaven (not cosmological), with two rooms, where there is already priestly activity.*

**Keywords:** Hebrews. Heavenly sanctuary. Jewish apocalyptic literature.

## INTRODUÇÃO

O livro de Hebreus repousa sobre um pano de fundo que inclui diversas tradições e movimentos. Essa tem sido uma questão altamente discutida no meio acadêmico. Uma reconstrução detalhada desse *background* está além do escopo desta pesquisa, que terá como foco apenas os aspectos das escolas de pensamento refletidas pelo autor<sup>3</sup> de Hebreus que possam lançar luz sobre as referências ao santuário/templo celestial<sup>4</sup>.

Nesse aspecto, existem muitas possibilidades de influência do ambiente intelectual do século I sobre Hebreus. A literatura judaica extracanônica apresenta dois conceitos diferentes sobre o santuário/templo celestial. Um deles é a ideia de um templo *no* céu, que se refletiu em templos na Terra. A outra ideia é o conceito do universo *como* um templo gigantesco, com o céu representando o Santo dos Santos deste grande templo cosmológico universal. As referências ao santuário cosmológico são encontradas nos escritos de Josefo, Filon de Alexandria, e em boa parte da literatura gnóstica<sup>5</sup>.

Este artigo explorará os principais textos judaicos e apocalípticos<sup>6</sup>

<sup>3</sup> Diante da dificuldade de definir com precisão a autoria de Hebreus, nesta pesquisa o autor de Hebreus será identificado como “o Autor” ou “o autor de Hebreus”.

<sup>4</sup> O conceito de um santuário/templo celestial é bem atestado na literatura judaica e cristã. Mas muitos povos antigos tinham um conceito de um templo celestial, com uma réplica terrena da estrutura celeste divinamente revelada. Ver BRASIL DE SOUZA, Elias. **The Heavenly Sanctuary/Temple Motif in the Hebrew Bible**. 2005. 618f. Tese (Doutorado em Teologia) – Andrews University, Berrien Springs, 2005, p. 26-82.

<sup>5</sup> MACRAE, George. W. The Temple as a House of Revelation in the Nag Hammadi Texts. In: MADSEN, Truman G. (ed). **The Temple in Antiquity: Ancient Records and Modern Perspectives**. Provo: Brigham Young University, 1984, p. 177-180, 183-186. Disponível em: <https://rsc.byu.edu/archived/temple-antiquity-ancient-records-and-modern-perspectives/temple-house-revelation-nag>. Acesso em: 2 ago. 2016.

<sup>6</sup> Na análise dos textos apocalípticos judaicos, esta pesquisa utilizará como base a versão

que descrevem o universo *como* santuário/templo ou descrevem um santuário/templo *no* céu, duas ideias distintas que não têm sido devidamente exploradas academicamente, pois algumas obras não as diferenciam tão claramente. Este artigo também destacará a relação entre Hebreus e o Antigo Testamento (AT) a respeito do santuário celestial. Porém, por uma questão de espaço, não analisará a fundo as noções do santuário celestial presente em textos gnósticos ou rabínicos, ainda que as mencione ocasionalmente<sup>7</sup>.

A avaliação dos possíveis *backgrounds* conceituais de Hebreus poderá ajudar a identificar se o autor de Hebreus reflete a posição da literatura apocalíptica judaica e do AT ou a posição associada com o judaísmo helenístico platônico. A pergunta que norteará esse artigo é: ao falar de um santuário celestial, o autor de Hebreus reflete o conceito de um santuário celestial real *no* céu ou de um santuário metafórico e cosmológico?

## 1 O MODELO DO CÉU *COMO* SANTUÁRIO

Filon e Josefo identificam o cosmos como o santuário celestial, um santuário cosmológico. Os dois compartimentos do tabernáculo (o Lugar Santo e o Lugar Santíssimo) representam a terra e o céu, respectivamente. Josefo, por exemplo, afirma que o tabernáculo era “uma imitação do sistema do mundo”, na qual o Lugar Santíssimo era como o “céu peculiar de Deus”, e o Lugar Santo representava o “mar e terra, onde os homens vivem”<sup>8</sup>. Por sua vez, Filon afirma que o Lugar Santo representa o mundo criado, e o Lugar Santíssimo representa o plano celestial, imutável, incorpóreo e noético<sup>9</sup>. Os objetos do santuário representam

---

editada por CHARLESWORTH, James H. (ed.) **The Old Testament Pseudepigrapha**. 2 vols, Garden City: Doubleday, 1983. E os textos de Qumrán aqui citados estão na obra de MARTÍNEZ, Florentino García. **Textos de Qumrán**. Madrid: Editorial Trotta, 1992.

<sup>7</sup> Para uma discussão sobre tais temas, ver KOESTER, Craig R. **The Dwelling of God: The Tabernacle in the Old Testament, Intertestamental Jewish Literature, and the Old Testament**. Catholic Biblical Quarterly Monograph Series 22. Washington, DC: Catholic Biblical Association of America, 1989, p. 171.

<sup>8</sup> **Antiguidades**, Livro III, 6:4.

<sup>9</sup> **Legum Allegoriae** iii.102; **De Cherubim** 23-26; **De Plantatione** 26-27, 50; **Quis rerum divinarum Heres sit** 75; **De Congressu Eruditionisgratia** 116-117; **De Somniis** i.185-187; **De Vita Mosis** ii.71-75, 88, 98, 102-103; **De Specialibus Legibus** i.66; **Quaestiones et Solutiones in Exodum** ii.52, 82, 90-96.

aspectos do cosmos, como o sol, a lua e os planetas<sup>10</sup>.

Por algum tempo, predominou a ideia de que o pensamento platônico de Fílon de Alexandria poderia ser o principal pano de fundo conceitual de Hebreus. Nesse sentido, a ideia do céu *como* santuário, um santuário cosmológico, prevaleceu<sup>11</sup>. A suposta influência do pensamento de Fílon sobre Hebreus foi alvo de observações de Westcott em seu comentário de 1889<sup>12</sup>, mas foi o erudito francês Ceslas Spicq quem desenvolveu e divulgou essa teoria em sua obra em dois volumes de 1952<sup>13</sup>. Spicq catalogou uma exaustiva lista de paralelos linguísticos e conceituais entre Fílon e Hebreus<sup>14</sup>, e concluiu que o Autor era um profundo conhecedor dos escritos de Fílon, talvez um discípulo dele que se convertera posteriormente ao cristianismo<sup>15</sup>.

Mas o estudo de Spicq foi cuidadosamente refutado por Ronald Williamson<sup>16</sup>, que evidenciou profundas diferenças entre Hebreus e Fílon. A pesquisa de Williamson mostra que Fílon e o Autor têm, de fato, muita coisa em comum: ambos eram versados na LXX e em uma tradição textual semelhante; ambos apresentam vários elementos da tradição filosófica do judaísmo alexandrino; e não se pode descartar completamente a possibilidade de o Autor ter conhecido os escritos de Fílon. No entanto, Williamson demonstrou que

<sup>10</sup> **De Cherubim** 23-26; **De Vita Mosis** ii.88, 98, 102-103; **Quaestiones et Solutiones in Exodum** ii.75, 91.

<sup>11</sup> Há certo consenso sobre o fato de que o Autor era um homem educado, conhecedor do pensamento de seu tempo. Como sugere McCullough, o Autor era uma espécie de “Fílon da igreja primitiva”. No entanto, não há consenso a respeito da identificação precisa do Autor com o pensamento de Fílon. (MCCULLOUGH, J. C. *Hebrews in recent scholarship* (Part 1). In: **Irish Biblical Studies**. Belfast, v. 16, n. 2, 1994, p. 66-87 [72]. Disponível em: <[http://www.biblicalstudies.org.uk/pdf/irish-biblical-studies/16-2\\_066.pdf](http://www.biblicalstudies.org.uk/pdf/irish-biblical-studies/16-2_066.pdf)>. Acesso em 12 set. 2015).

<sup>12</sup> WESTCOTT, Brooke Foss. **The Epistle to the Hebrews: the greek text with notes and essays**. Grand Rapids: Eerdmans, 1952.

<sup>13</sup> SPICQ, Ceslas. **L'Épître aux Hébreux**. Paris: J. Gabalda et Cie. Éditeurs, 1952-1953. 2 v.

<sup>14</sup> A relação entre o Autor e Fílon é avaliada mais especificamente em SPICQ, 1952-1953, v. 1, p. 25-91.

<sup>15</sup> Montefiore também defende que o Autor era um “filonista convertido ao cristianismo” (MONTEFIORE, Hugh W. **A commentary on the epistle to the Hebrews**. New York: Harper; London: Black, 1964, p. 9).

<sup>16</sup> WILLIAMSON, Ronald. **Philo and the Epistle to the Hebrews**. Leiden: E. J. Brill, 1970.

o Autor é fundamentalmente um cristão cujo pensamento muitas vezes diferiu significativamente do de Filon. Ele escreveu dentro de uma moldura cristã escatologicamente orientada, enquanto a moldura de Filon é cosmológica<sup>17</sup>.

A pesquisa de Williamson mostrou que Hebreus não contém o dualismo fundamental do pensamento de Filon, mas, sim, sustenta um *realismo* bíblico. Em Hebreus, o Autor não só afirma a realidade da divindade, humanidade e sacerdócio de Cristo, mas também de um ministério *real* em um santuário *real*<sup>18</sup>. Williamson concluiu que as diferenças entre Hebreus e Filon são mais nítidas que as semelhanças, que o autor de Hebreus não dependeu de Filon, recebendo pouca ou nenhuma influência desse pensador, e que a conclusão de Spicq foi fruto de má interpretação das evidências<sup>19</sup>. Outros autores questionaram a obra de Spicq<sup>20</sup>, que acabou abandonando sua posição<sup>21</sup>.

Ainda há, no entanto, uma tendência entre estudiosos de Hebreus de reconhecer o uso de uma *linguagem* vinculada ao platonismo, ainda que expressando conceitos diferentes e independentes de Filon. Em termos simples:

<sup>17</sup> Como argumenta também FAIRHURST, Alan M. Hellenistic Influence in the Epistle to the Hebrews. In: **Tyndale Bulletin**. Cambridge, v. 7-8. Julho de 1961, p. 17-27. Disponível em: [http://98.131.162.170//tynbul/library/TynBull\\_1961\\_07\\_04\\_Fairhurst\\_HellenisticHebrews.pdf](http://98.131.162.170//tynbul/library/TynBull_1961_07_04_Fairhurst_HellenisticHebrews.pdf). Acesso em 24 ago. 2015.

<sup>18</sup> JOHNSON, William G. **In Absolute Confidence**: The Book of Hebrews Speaks to Our Day. Nashville: Southern, 1979, p. 91. Para uma discussão a respeito da desconstrução da linguagem literal a respeito do santuário celeste, que inclui Filon, e do abandono do fundamento bíblico a respeito dos textos referentes ao santuário/tabernáculo/templo, ver CANALE, Fernando. Philosophical Foundations and the Biblical Sanctuary. In: **Andrews University Seminary Studies**. Berrien Springs, v. 36, n. 2, 1998, p. 183-206. Disponível em: <http://documents.adventistarchives.org/ScholarlyJournals/AUSS/AUSS19981001-V36-02.pdf>. Acesso em 16 abr. 2015.

<sup>19</sup> WILLIAMSON, 1970, p. 493. Para um sumário das conclusões de Williamson, ver DAVIDSON, Richard M. Typology in the Book of Hebrews. In: HOLBROOK, Frank B. (ed.). **Issues in the Book of Hebrews**. Daniel and Revelation Committee Series, vol. 4. Silver Spring: Biblical Research Institute, 1989, p. 121-186 [137-140].

<sup>20</sup> HURST, Lincoln D. **The Epistle to the Hebrews**: Its Background of Thought. Society for New Testament Studies Monograph Series 65. Cambridge: Cambridge University, 1990, p. 7-42; BARRETT, C. K. The Eschatology of the Epistle to the Hebrews. In: DAUBE, D.; DAVIES, W. D. (eds.). **The Background of the New Testament and its Eschatology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1956, p. 363-393.

<sup>21</sup> SPICQ, Ceslas. L'Épître aux Hébreux, Apollos, Jean-Baptiste, les Hellénistes et Qumran. In: **Revue de Qumran**. Leuven, v. 1, 1959, p. 365-390. Após as descobertas dos manuscritos de Qumran, Spicq modificou seu foco, passando a defender que Apolo era o autor de Hebreus, e que ele havia escrito para sacerdotes que fugiram de Jerusalém para Antioquia e que tinham conhecido a comunidade de Qumran.

a linguagem de Hebreus pode ser platônica, mas não necessariamente seus pensamentos<sup>22</sup>. As conexões com Fílon não indicam que o platonismo tenha sido a visão de mundo do Autor ou de seus destinatários, mas podem ser explicadas pelo fato do Autor e seus destinatários estarem familiarizados com o ambiente helenístico-judaico<sup>23</sup>, e pelo fato do Autor também usar a LXX como Fílon<sup>24</sup>.

Mas, mesmo refutado por Williamson e outros autores, o ponto de vista de Spicq ainda tem defensores<sup>25</sup>. Existem, no entanto, dificuldades assumidas pelos próprios defensores da influência filônica<sup>26</sup>.

Em suma, Fílon interpreta o AT de forma alegórica e fantasiosa, mas Hebreus considera a historicidade e a literalidade dos eventos e personagens do AT<sup>27</sup>. Fílon alegoriza Melquisedeque e a mobília do tabernáculo (o candelabro e o maná), enquanto Hebreus trata Melquisedeque como uma pessoa real e os elementos de maneira literal.

No pensamento platônico de Fílon, o que separa o homem de Deus, a realidade terrena da realidade celestial, é a diferença entre a experiência sensorial e o puro ser. Em Hebreus, essa separação ocorre por causa da diferença entre pecado e santidade<sup>28</sup>. Hebreus não apresenta um dualismo cosmológico que nega

<sup>22</sup> LINCOLN, Andrew T. **Hebrews: a Guide**. London: T & T Clark, 2006, p. 47.

<sup>23</sup> KOESTER, Craig R. **Hebrews: A New Translation with Introduction and Commentary**. New York: Doubleday, 2001, p. 60.

<sup>24</sup> WILLIAMSON, 1970, p. 11-18; HURST, 1990, p. 42; KOESTER, 2001, p. 60.

<sup>25</sup> THOMPSON, James W. **The beginnings of christian philosophy: the Epistle to the Hebrews**. Catholic Biblical Quarterly Monograph series 13. Washington: The Catholic Biblical Association of America, 1982, p. 156-159; THOMPSON, James W. What Has Middle Platonism to Do with Hebrews? In: MASON, Eric F.; MCCRUDEN, Kevin B. (eds.). **Reading the Epistle to the Hebrews: a resource for students**. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2011, p. 35-52; THURSTON, Robert W. Philo and the epistle to the Hebrews. In: **The Evangelical Quarterly**. Nottingham, v. 58, n. 2. Abril-Junho 1986, p. 133-143. Disponível em: [http://biblicalstudies.org.uk/pdf/eq/1986-2\\_133.pdf](http://biblicalstudies.org.uk/pdf/eq/1986-2_133.pdf). Acesso em: 13 ago. 2015.

<sup>26</sup> MONTEFIORE, 1964, p. 7-8; THURSTON, 1986, p. 139.

<sup>27</sup> GUTHRIE, Donald. **Hebrews: introdução e comentário**. Série Cultura Bíblica. São Paulo: Vida Nova e Mundo Cristão, 1984, p. 39-40; BRUCE, F. F. **La Epistola a los Hebreos**. Grand Rapids-Buenos Aires: Nueva Creación, 1987, p. li-lij; LONGENECKER, Richard N. **Biblical exegesis in the apostolic age**. Grand Rapids: Eerdmans, 1999, p. 171-173; SOWERS, S. G. **The Hermeneutics of Philo and Hebrews: A Comparison of the Interpretation of the Old Testament in Philo Judaeus and the Epistle to the Hebrews**. Zurich: 1965, p. 137.

<sup>28</sup> FAIRHURST, 1961, p. 17-27.

a criação e o mundo material, mas tem uma visão positiva da criação como obra de Deus, mesmo destinado a um fim (Hb 2.6-8)<sup>29</sup>.

Em Hebreus, o santuário terrestre permanece *distinto* do celestial como um todo. Nenhuma parte do santuário celestial é identificada como sendo a terra, e a interpretação alegórico-cosmológica é inexistente em Hb 9.1-10, tanto com relação ao tabernáculo quanto aos seus utensílios. Além disso, Hb 9.11 refere-se ao “maior e mais perfeito tabernáculo” inteiro como algo “não feito por mãos, isto é, não desta criação”, e não distingue o Lugar Santíssimo e o Lugar Santo<sup>30</sup>. Como já foi dito, na interpretação cosmológica filônica, o Lugar Santíssimo representa o céu, e o Lugar Santo, a terra (desta criação).

Um problema adicional é o fato de que Hebreus não descreve o santuário celestial como o lugar de *ideias* eternas, mas como um lugar *real*, a sala do trono de Deus<sup>31</sup>. De fato, o plano noético platônico descrito por Filon não é uma realidade onde alguém poderia entrar num santuário, tornar-se um sumo-sacerdote, oferecer sacrifício, inaugurar uma aliança, efetuar purificação e sentar-se em um trono<sup>32</sup>. Um céu onde tais coisas podem acontecer está mais de acordo com a literatura judaica apocalíptica e mística do que com o conceito platônico do mundo das ideias. Para Filon, o templo celestial que serviu de padrão para Moisés não era real, mas apenas um modelo incorpóreo (*De Vita Mosis* ii.74-76). Esse tipo de santuário incorpóreo não pode conter rituais celestiais, como em Hebreus.

O peso da evidência fornecida por Williamson foi tal que Davidson chega a afirmar que “os que têm alegado uma afinidade conceitual de Hebreus

<sup>29</sup> ADAMS, Edward. The Cosmology of Hebrews. In: BAUCKHAM, Richard et al (eds.). **The Epistle to the Hebrews and Christian Theology**. Grand Rapids: Eerdmans, 2009, p. 122-139.

<sup>30</sup> ATTRIDGE, Harold W. **The Epistle to the Hebrews**. Hermeneia. Philadelphia: Fortress, 1989, p. 222-223.

<sup>31</sup> COCKERILL, Gareth Lee. **The Epistle to the Hebrews**. NICNT. Grand Rapids: Eerdmans, 2012, p. 354. Para outras diferenças entre o platonismo e Hebreus, ver WILLIAMSON, 1970, p. 565-567; ADAMS, 2009, p. 133; ELLINGWORTH, Paul. **The Epistle to the Hebrews**. Grand Rapids: Eerdmans, 1993, p. 408.

<sup>32</sup> BUCHANAN, George W. **To the Hebrews**. The Anchor Bible, v. 36. Garden City: Doubleday, 1972, p. 134; HURST, 1990, p. 37; SCHENCK, Kenneth. **Cosmology and Eschatology in Hebrews: The Settings of the Sacrifice**. Society for New Testament Studies Monograph Series 143. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p. 151-152, 166-167; BARNARD, Jordy. **The mysticism of Hebrews: exploring the role of jewish apocalyptic mysticism in the Epistle to the Hebrews**. Tübingen: Mohr Siebeck, 2012, p. 97-98.

com Fílon não levaram as evidências de Williamson a sério”<sup>33</sup>. O pesquisador de Hebreus deve procurar o fundo conceitual que oferece o maior número de pontos de continuidade, que se ajusta mais naturalmente aos conceitos encontrados em Hebreus. Diante dessas evidências, muitos acadêmicos buscaram uma alternativa: “a linguagem cúltica de Hebreus é compatível com o modelo do judaísmo apocalíptico, em vez do modelo de Fílon”<sup>34</sup>.

## 2 O MODELO DO SANTUÁRIO NO CÉU

Uma importante linha de interpretação, e que tem atraído diversos pesquisadores, é a que sugere que Hebreus reflete conceitos da literatura apocalíptica judaica<sup>35</sup>. Eric Mason rejeita a tese de que o autor de Hebreus fala de um santuário celestial metafórico, e argumenta que Hebreus, como muitos escritores contemporâneos do judaísmo do segundo templo e do cristianismo primitivo, pensa em termos de um santuário celestial *real*, tendo o judaísmo apocalíptico como base conceitual<sup>36</sup>. Da mesma forma, Hurst afirma que o autor de Hebreus tomou temas do AT e os desenvolveu dentro de uma moldura apocalíptica

<sup>33</sup> DAVIDSON, Richard M. Inauguration or atonement? A response to Noman Young’s “Old Testament Background to Hebrews 6:19-20 Revisited”. In: **Andrews University Seminary Studies**. Berrien Springs, v. 40, n. 1, 2002, p. 69-88 [82].

<sup>34</sup> JOHNSSON, William G. Day of Atonement Allusions. In: HOLBROOK, Frank B. (ed.). **Issues in the Book of Hebrews**. Daniel and Revelation Committee Series, v. 4. Silver Spring: Biblical Research Institute General Conference of Seventh-day Adventists, 1989, p. 108.

<sup>35</sup> Por exemplo, HURST, 1990; LANE, William. Hebrews 1-8. **Word Bible Commentary**. N. 47a. Dallas: Word, 1991<sup>a</sup>, p. cix-cx; OSBORNE, Grant. **A espiral hermenêutica: uma nova abordagem à interpretação bíblica**. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 434-436.

<sup>36</sup> Como se pode ler no resumo da apresentação “The Conception of the Heavenly Sanctuary in Hebrews: Literal or Metaphorical?”, no *International Society of Biblical Literature*, Roma, 3 jul. 2009. Disponível em: <https://www.sbl-site.org/meetings/abstract.aspx?id=12485>. Acesso em: 12 jul. 2016; ver também MASON, Eric F. Cosmology, Messianism, and Melchizedek: Apocalyptic Jewish Traditions and Hebrews. In: MASON, Eric F.; MCCRUDEN, Kevin B. (eds.). **Reading the Epistle to the Hebrews: a resource for students**. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2011, p. 56-68; MASON, Eric F. Hebrews and Dead Sea Scrolls: some points of comparison. In: **Perspectives in Religious Studies**. Waco, v. 37, n. 4, 2011, p. 459-479 [461-464]; MASON, Eric. **“You are priest forever”**: second temple Jewish messianism and the priestly Christology of the epistle to the Hebrews. Leiden: Brill, 2008, p. 111-116.



judaica, assim como Filon tomou temas do AT e os desenvolveu em uma moldura platônica<sup>37</sup>.

Dentro do conceito “santuário *no céu*” há duas posições principais: 1) o santuário escatológico pré-existente, mas inativo, que descerá à terra (ou se manifestará) no final dos tempo, e 2) o santuário em plena atividade, da tradição mística.

## 2.1 O modelo apocalíptico do “santuário escatológico”

O livro de *2 Baruque* 4.3 fala de uma cidade (com um santuário e seus utensílios) “que já foi preparada a partir do momento que eu [Deus] decidi criar Paraíso”, mostrada a Moisés no Monte Sinai, preservada com Deus, e que será revelada no fim. Também sugere que o tabernáculo celestial existe, está preservado e descerá à terra, e serviu de modelo para o tabernáculo terrestre (*2 Bar* 59.4). O mesmo livro ainda afirma que a “construção de Sião” (a cidade e o seu templo) será removida e substituída, “renovada em glória” e “aperfeiçoada para a eternidade” (*2 Bar* 32.3-4). No entanto, em *2 Baruque*, o santuário celestial não abriga um culto celestial, aparentemente não está em funcionamento até sua manifestação escatológica.

Ao descrever a Nova Jerusalém, *Oráculos Sibilinos* 5.420-433 afirma que Deus “fez um santo templo extraordinariamente belo em seu santuário”, o “maior templo”. Há, nesse texto, apenas a menção à manifestação escatológica do santuário celestial, sem referência ao seu funcionamento antes do *eschaton*.

A manifestação escatológica da Nova Jerusalém também está presente em *4 Esdras*, onde se afirma que “a cidade que agora não é vista aparecerá” (7.26), que para os salvos “uma cidade é construída”, e que “Sião virá e se manifestará”, preparada e construída sem mãos (13.36). A visão de *4 Esdras* 10.27 descreve “uma cidade estabelecida e um lugar de enormes fundações mostrou-se”, identificada como Sião (v. 47). Nenhum desses textos de *4 Esdras* menciona claramente o santuário/templo celestial, mas ele pode ser presumido.

Contudo, apesar de ser uma proposta interessante, a relação entre Hebreus e os textos judaicos que descrevem um santuário escatológico apresenta alguns problemas. Nesses textos, o santuário/templo celestial desce ou se manifesta *na terra*, e então é ocupado por sacerdotes levitas que restauram o culto,

<sup>37</sup> HURST, 1990, p. 42.

há um *retorno ao sacrifício levítico*. Esses textos mencionam o santuário para dar esperança de futura restauração de Israel, do templo e da adoração ideal. Hebreus, por outro lado, descreve um santuário celestial que *permanece no céu*, sem restauração do antigo sacrifício levítico. Nesses textos apocalípticos, o santuário/templo escatológico fica vazio, sem seres em seu interior, e sem função até descer do céu à terra (ou se manifestar na terra), o que não ocorre em Hebreus.

Portanto, como ficará evidenciado a seguir, os textos apocalípticos da tradição mística parecem ser uma opção melhor, já que apontam um santuário celestial em pleno funcionamento. Esses textos geralmente estão relacionados à ideia da ascensão ao céu, e tal conceito místico é conhecido como “misticismo *Merkabah* (o trono ou carro de Deus)” e “misticismo *Hekhalot* (os palácios ou salas celestiais)”<sup>38</sup>.

## 2.2 O modelo apocalíptico místico do “santuário em atividade”

Os textos da tradição mística judaica apresentam similaridades, com o místico subindo ao céu, passando por uma série de níveis, palácios, templos, ou níveis, até entrar na presença de Deus. No nível mais alto dos céus (ou mais central), Deus está sentado em um trono. O santuário celestial também aparece em tais textos quando a adoração dos crentes se une a liturgia dos anjos (por ex., em *Cânticos do Sacrifício de Sábado*).

Em 1973, Schenke sugeriu que o misticismo judaico *Merkabah* era a principal estrutura conceitual de Hebreus<sup>39</sup>. Williamson foi um dos que se propuseram a testar essa hipótese, concluindo, mas não de forma assertiva, que o misticismo judaico poderia sim ser a principal fonte de influência sobre Hebreus<sup>40</sup>. Jody Barnard, um dos mais recentes defensores dessa ideia, reconheceu

<sup>38</sup> Essa tradição mística, baseada em textos como Isaías 6 e Ezequiel 1, ainda estava sendo desenvolvida dentro do judaísmo apocalíptico na época em que Hebreus foi escrito, por isso, alguns autores usam a expressão “misticismo pré-*Merkabah*” para se referir aos textos pseudépígrafos que serão analisados aqui (HURST, 1990, p. 85). No entanto, utilizaremos a expressão “misticismo *Merkabah*”.

<sup>39</sup> SCHENKE, Hans-Martin. Erwägungen zum Rätsel des Hebräerbriefes. In: BETZ, Hans Dieter; SCHOTTROFF, Luise (eds.). **Neues Testament und christliche Existenz**: Festschrift für Herbert Braun zum 70. Tübingen: Mohr Siebeck, 1973, p. 421-438 [433-434].

<sup>40</sup> WILLIAMSON, Ronald. The Background of the Epistle to the Hebrews. In: **The Expository Times**. Edinburgh, v. 87, 1976, p. 232-237 [236]. Disponível em: <http://>

que Hebreus depende do AT, mas afirma que tal débito não explica os temas místicos de Hebreus, mais bem justificados pela experiência mística do Autor e dos destinatários<sup>41</sup>. E há um número crescente de estudiosos que colocam Hebreus na tradição apocalíptica mística judaica.

Na tradição mística judaica, o santuário celestial é um santuário *no céu* (não o cosmos), e não é um santuário celestial escatológico (cujo propósito é se manifestar na terra). Esse ponto de vista é consistente com o santuário celestial de Hebreus, que pertence totalmente ao plano celestial. E, nesses textos, o santuário celestial é descrito como um lugar *real*, não metafórico (T. Levi 3.4-9; Jub 31.14), como em Hebreus<sup>42</sup>.

O livro *Sabedoria de Salomão* 9.8 reflete essa concepção, nas seguintes palavras: “Tu me mandaste construir um templo sobre o teu santo monte, um altar na cidade onde fixaste a tua tenda, cópia da tenda santa que tinhas preparado desde o princípio”. Esse texto sugere que, na concepção do autor, o templo celestial é *real*, e até mesmo *material*<sup>43</sup>.

Na tradição mística judaica, o santuário celestial é o lugar do trono de Deus<sup>44</sup> (o que não é característico dos textos apocalípticos que apresentam o modelo do santuário escatológico). Essa característica cria uma conexão com Hebreus, que também apresenta o santuário como trono de Deus (Hb 8.1-2; 1.3; 10.12; 12.2).

---

ext.sagepub.com/content/124/10/469.full.pdf+html?frame=sidebar . Acesso em: 17 out. 2015.

<sup>41</sup> BARNARD, Jordy A. Ronald Williamson and the background of Hebrews. In: **The Expository Times**. Edinburgh, v. 124, n. 10, 2013, p. 469-479. Disponível em: [https://www.academia.edu/10372862/Ronald\\_Williamson\\_and\\_the\\_background\\_of\\_Hebrews](https://www.academia.edu/10372862/Ronald_Williamson_and_the_background_of_Hebrews) . Acesso em: 18 out. 2015.

<sup>42</sup> RIBBENS, Benjamin J. **Levitical sacrifice and heavenly cult in Hebrews**. 2013. 391f. Tese (Doutorado) - Wheaton College, Wheaton, 2013, p. 132-174. Disponível em: <http://espace.wheaton.edu/lr/a-sc/archives/theses/201307-PhD-BITH-RibbensBen.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2015. Após analisar exegeticamente Hb 1.3; 4.14-16; 6.19-20; 7.26; 8.1-6; 9.11-14, 23-28 e 10.11-14, Ribbens conclui que o Autor escreve sobre um santuário celestial real, verdadeiro, não metafórico ou platônico. Esse santuário *real* é o padrão para o tabernáculo terrestre (8.5), o que significa que há alguma correspondência entre os dois santuários em todas as coisas (8.5; cf. 9.23). Ribbens demonstra como Hebreus se apropriou do conceito apocalíptico místico e não da leitura platônica.

<sup>43</sup> RIBBENS, 2013, p. 70.

<sup>44</sup> 1En 14.20; T. Levi 3:4-6; 5:1; 4Q403 Frag.1 col.ii, 10-15; 4Q405 Frag.20-21-22, 2, 8; 4Q405 Frag.23 col.i, 3; 11Q17 col.ii, 1-3.

Outra semelhança com Hebreus está no fato de alguns textos místicos apresentarem a jornada através dos céus, atrás de um véu/cortina celestial. Essa ideia é compatível com o tema da ascensão dos crentes ao santuário (Hb 4.16; 10.19-22). Nos textos apocalípticos místicos há um véu/cortina que geralmente separa o trono de Deus, no Santo dos Santos celestial, do resto do céu. Em 3 *Enoque* 45.1, o anjo Metatron mostra a Ismael toda a história humana bordada na cortina, e esta cortina “é a contraparte celestial do véu que dividia o Santo Lugar do Santo dos Santos no tabernáculo terrestre e no Templo”<sup>45</sup>. Ou seja, pode-se inferir daí que esse santuário celestial tem dois compartimentos.

Há, porém, algumas diferenças entre os textos apocalípticos místicos e Hebreus, como o fato dos textos místicos descreverem os anjos como sacerdotes, como o *Testamento de Levi* falar de “anjos da presença do Senhor” que “ministram” diante de Deus (T. Levi 3.5; 2.10). Em vez disso, Hebreus não apresenta os anjos como sacerdotes do santuário celestial, mas como ministros (Hb 1.14; 1.7; 8.1), e destaca o ministério sacerdotal único e exclusivo de Cristo (que é essencialmente superior aos anjos)<sup>46</sup>.

O *Testamento de Levi* 3.4-6 descreve assim o santuário celestial no céu e o sacerdócio dos anjos:

No céu mais alto de todos habita a Grande Glória no Santo dos Santos, superior a toda santidade. Ali com ele estão os arcanjos, que servem e oferecem sacrifícios propiciatórios ao Senhor, em nome de todos os pecados de ignorância dos justos. Eles apresentam ao Senhor um odor agradável, uma oferta racional e sem derramamento de sangue.

Nos relatos apocalípticos e místicos de ascensão ao céu há, por vezes, ambiguidade entre a estrutura do céu como um todo, simbolizando um templo, e um templo celestial localizado em algum lugar *dentro de* um dos céus. Alguns textos dão a impressão de que o céu e o templo celestial são sinônimos. O *Testamento de Levi* 5.1, por exemplo, afirma: “Neste momento o anjo abriu para mim as portas do céu e vi o Santo Altíssimo sentado no trono”. Aparentemente descreve o céu inteiro como templo, mas é um dos céus.

<sup>45</sup> CHARLESWORTH, vol. 1, 1983, p. 296 (nota 45a).

<sup>46</sup> Comparar com 4Q400; 1 En 14.15-23 e Jub 31.13-15. Em Hebreus, o sacerdote celestial é Cristo, que é maior que os anjos (Hb 1.5-14), e tem seu sacerdócio comparado e contrastado com o sacerdócio terreno dos levitas, não ao sacerdócio dos anjos (MASON, 2011, p. 460-462; GUTHRIE, 1984, p. 37).

Em *1 Enoque*, o visionário ascende ao céu, entra no santuário celestial e o descreve como um “casa” (1 En 14.10). Enoque vê uma *segunda casa*, maior e mais excelente (1 En 14.15-16), onde há um elevado trono no qual a “Grande Glória” se assenta (1 En 14.20), uma provável referência ao Santo dos Santos.

Em suma, *1 Enoque* apresenta o santuário celestial como habitação de Deus, mas há também uma atividade sacerdotal angelical. Enoque descreve a atividade dos anjos no santuário celestial: eles assistem à presença de Deus (1 En 14.21-23) e intercedem pelos homens (1 En 15.2).

Como nos textos judaicos do modelo “santuário escatológico”, também há um aspecto escatológico no santuário celestial de *1 Enoque* 14.8-16, que pressupõe a existência de um santuário celeste antes que ele se manifeste no fim dos tempos, uma “nova casa, maior e mais nobre” (1 En 90.28-29)<sup>47</sup>. Esse santuário celestial é ideal, preservado no céu e se manifestará na terra<sup>48</sup>. Apesar dessa dimensão escatológica do santuário celestial estar presente nos textos da tradição apocalíptica mística<sup>49</sup>, o que os diferencia dos textos do modelo escatológico é a intensa atividade no santuário celestial.

Os textos apocalípticos místicos também descrevem um ritual celestial ideal que inclui sacrifícios semelhantes aos sacrifícios levíticos. O *Livro dos Jubileus*, por exemplo, estabelece uma relação entre o culto celestial e o terrestre. Descreve os rituais celestiais realizados pelos anjos. Não menciona, mas pressupõe a existência de um santuário/templo. Já em Hebreus, Jesus entra no santuário celestial e oferece a si mesmo como sacrifício único e ideal (Hb 9.11-14, 25; 10.12).

A correspondência vertical entre céu e terra fica clara nas palavras que sugerem até mesmo que os anjos guardam o sábado no céu: “[Deus] nos pediu para guardar o Sábado com Ele no céu e na terra” (Jub 2.18). Os anjos declaram que já guardavam o sábado no céu “antes de ser dado a conhecer a qualquer carne a guarda do Sábado na terra” (Jub 2.30). Assim, Jubileus deixa implícito que há

---

<sup>47</sup> BARRETT, 1956, p. 363-393; HURST, Lincoln D. **The Epistle to the Hebrews: Its Background of Thought.** Society for New Testament Studies Monograph Series 65. Cambridge: Cambridge University, 1990, p. 21-41.

<sup>48</sup> BARRETT, 1956, p. 389.

<sup>49</sup> Para Barrett, até Hebreus apresentaria essa dimensão escatológica, pois o aguardado evento escatológico seria a vida e obra de Jesus. Dessa forma, o santuário celestial de Hebreus seria o santuário celestial da era messiânica anunciado na literatura apocalíptica judaica (BARRETT, 1956, p. 389).

um culto sabático celestial<sup>50</sup>.

O *Livro dos Jubileus* traça também um paralelo entre os anjos e os levitas, pois os levitas foram escolhidos como “os que ministram diante do Senhor, como nós [anjos], continuamente” (Jub 30.18). Há a previsão de que Levi iria “servi-lo [a Deus] no Seu santuário como os anjos da presença” (Jub 31.14). Anjos oferecem sacrifícios diários no céu, paralelamente aos sacrifícios diários no templo terrestre (T. Levi 3.5-6). Essa correspondência vertical entre o céu e a terra deixa implícita a existência de um santuário celestial. O sacerdócio celestial é paralelo, semelhante e até conectado ao sacerdócio terrestre<sup>51</sup>. No entanto, o conceito de anjos-sacerdotes oferecendo sacrifícios não está presente em Hebreus.

Os *Cânticos do Sacrifício de Sábado*, documento essênio, também descrevem um santuário no céu. Ali é relatada a existência do Santo dos santos celestial (4Q405 Frag.19, 3-4) e de um véu/cortina dentro do santuário celestial (4Q405 Frag.15-16, 3), o que sugere a existência de um santuário com dois compartimentos<sup>52</sup>. Os *Cânticos do Sacrifício de Sábado* relatam a investidura dos sacerdotes (4Q400 Frag.1 col.i, 10 e 19) e atividade sacerdotal no santuário celestial correspondente à atividade no santuário terrestre.

Para Ribbens, essa correspondência vertical entre os santuários terrestres e o celestial na literatura apocalíptica sugere que o santuário celestial de Hebreus tem dois compartimentos, assim como o tabernáculo terreno<sup>53</sup>. Moffitt também entende que

o tabernáculo terrestre e as ofertas terrenas são modelados sobre as realidades que existem no céu. Assim como a estrutura terrestre tem um Lugar Santo, um véu de divisão, e um Lugar Santíssimo (9:1-5); e assim como o sumo sacerdote entra nesse Lugar Santíssimo uma vez a cada ano com um sacrifício de sangue para fazer a expiação, embora de um tipo limitado (Hb 9:6-10), assim também Jesus passou através da primeira seção da estrutura celeste, através da cortina divisória (cf. 6:19; 10:20), e entrou

<sup>50</sup> A Festa das Semanas também é celebrada no céu (Jub 6.17-18). O *Livro dos Jubileus* menciona vários rituais litúrgicos prescritos nas “tábuas celestes” para o povo de Deus, o que poderia sugerir que esses rituais também ocorrem no céu (Jub 16.28-31; 18.19; 32.10-15).

<sup>51</sup> RIBBENS, 2013, p. 79.

<sup>52</sup> Calaway avalia as similaridades e diferenças entre Hebreus e os *Cânticos do Sacrifício de Sábado* em CALAWAY, Jared C. **The Sabbath and the Sanctuary: Access to God in the Letter to the Hebrews and Its Priestly Context**. Tübingen: Mohr Siebeck, 2013.

<sup>53</sup> RIBBENS, 2013, p. 142.

em seu lugar mais santo.<sup>54</sup>

O véu de Hebreus refletiria mais adequadamente esse conceito, e não o das tradições que apresentam o véu cosmologicamente, como o que separa o céu da terra, o mundo da luz do mundo da escuridão.

O tema do acesso à presença de Deus em Hebreus não elimina a existência de uma cortina/véu *no* santuário celestial em Hebreus (6.19; 10.20), correspondente à cortina/véu do tabernáculo terreno (Hb 9.3), já que o santuário terrestre é cópia e sombra do celestial (Hb 8.5), onde tudo correspondia ao modelo celeste. Além disso, a existência dessas barreiras no céu, especialmente na sala do trono/Lugar Santíssimo celestial, mesmo num contexto de acesso a Deus, são muito comuns na literatura apocalíptica (2 En 3-22; T. Levi 3.1-10; 3 Bar 11.1-14:2; 4Q405 Frag.15-16, 3; comparar com 2 Co 12.2)<sup>55</sup>.

Portanto, os destinatários de Hebreus muito provavelmente entendiam o santuário celeste como possuindo dois compartimentos, já que um santuário de dois compartimentos era “um componente básico e imutável em todas as estruturas do santuário do antigo Israel”<sup>56</sup>.

Neste santuário celestial bicompartimental, na visão de mundo mística e apocalíptica, o compartimento exterior poderia ser concebido de duas formas. Em primeiro lugar, o tabernáculo inteiro pode estar presente no mais alto dos céus, tornando a entrada no Santo dos Santos um *movimento horizontal* do compartimento exterior para o interior. Tudo dentro do mais alto dos céus, como em *I Enoque* 14<sup>57</sup>.

Em segundo lugar, o autor pode descrever os céus inferiores como o compartimento exterior (Lugar Santo) e o mais alto dos céus como o compartimento interior (Santo dos Santos). Assim, a entrada no Santo dos Santos seria um *movimento vertical*, uma subida através dos céus, como no *Testamento de Levi* 3<sup>58</sup>.

<sup>54</sup> MOFFITT, David M. **Atonement and the Logic of Resurrection in the Epistle to the Hebrews**. NovTSup 141. Leiden: Brill, 2011, p. 224.

<sup>55</sup> Segundo Ribbens, em Hebreus, “uma cortina no céu é necessária para a padronização da atividade de Cristo após o Dia da Expição” (RIBBENS, 2013, p. 143).

<sup>56</sup> BARNARD, 2012, p. 110-111.

<sup>57</sup> RIBBENS, 2013, p. 158.

<sup>58</sup> RIBBENS, 2013, p. 158.

As duas posições podem ser consistentes com Hebreus, onde diz que Jesus adentrou/penetrou os céus (Hb 4.14). Se Hebreus está falando que Cristo entrou no Lugar Santíssimo, pode significar que Jesus fez o *movimento vertical* do Lugar Santo para o Lugar Santíssimo, mas também pode indicar que Jesus subiu através dos céus para o mais alto céu, onde está o santuário inteiro, e ali ele fez um *movimento horizontal* do Lugar Santo para o Lugar Santíssimo.

Hebreus não dá informação suficiente para se determinar qual destas duas imagens apocalípticas é usada pelo Autor. O que pode ser afirmado é que o compartimento exterior não poderia ser o céu físico ou cosmológico, porque essa noção identificaria parte da criação com o santuário celeste, que “não é desta criação” (Hb 9.11).

De fato, Hebreus possui muitas similaridades com a literatura apocalíptica e mística judaica. Em sua pesquisa, porém, Hurst demonstrou que os paralelos entre Hebreus e o misticismo judaico podem ser explicados por fontes ou influências comuns tanto para Hebreus quanto para a literatura *Merkabah*, tais como o AT (especificamente, os Salmos) e os escritos do judaísmo apocalíptico<sup>59</sup>.

Apesar de haver fortes pontos de aproximação conceitual entre Hebreus e os textos de Qumran no tema do santuário celestial, é improvável que haja alguma dependência literária entre ambos<sup>60</sup>. Samuel Sandmel já havia protestado contra o que ele chamou de “paralelomania” (a prática generalizada de forçar paralelos e similaridades entre outros escritos e o NT), e apelou em favor de atitudes mais cautelosas e criteriosas a respeito da relação entre Qumran e o NT<sup>61</sup>. Portanto, apesar do santuário *no* céu ser uma opção superior à da moldura platônica de um santuário cosmológico, os textos apocalípticos não respondem sozinhos a todas as perguntas levantadas em Hebreus. Por isso, no tema do santuário celestial (e em qualquer outro), é sempre mais seguro avaliar a fonte conceitual básica de Hebreus: o Antigo Testamento.

---

<sup>59</sup> HURST, 1990, p. 84.

<sup>60</sup> HURST, 1990, p. 43-66; LANE, 1991a, p. cvii; BRUCE, F. F. To the Hebrews or to the Essenes? In: **NEW TESTAMENT STUDIES**. Cambridge, n. 9, 1963, p. 217-232.

<sup>61</sup> SANDMEL, Samuel. Parallelomania. In: **Journal of Biblical Literature**. Atlanta, v. 81, março 1962, p. 1-13. Assim como Sandmel denunciou a “paralelomania” nos estudos sobre o NT, Wilson também alertou para o surgimento de modismos na pesquisa acadêmica em Hebreus por causa da procura exagerada de paralelos e similaridades (WILSON, R. McL. **Hebrews**. The New Century Bible Commentary. Grand Rapids: Eerdmans, 1987, p. 18-19).



### 3 O ANTIGO TESTAMENTO E O SANTUÁRIO NO CÉU

Fora do AT, nenhuma fonte pode ser apontada como principal influência direta ou formativa sobre o Autor<sup>62</sup>. A ideia de um santuário/templo celestial era um tema importante na literatura do Antigo Oriente Próximo, e também é um tema importante no AT. Em sua tese doutoral, Brasil de Souza demonstra como o AT está impregnado com o conceito de um santuário/templo celestial, especialmente como lugar de julgamento, expiação, campo de batalha cósmica entre o bem e o mal, e lugar de ratificação da aliança<sup>63</sup>. A análise semântica e exegética de textos do AT relacionados ao santuário celestial<sup>64</sup> revela que eles transmitem a noção de um lugar *no céu*, que não deve ser confundido com o próprio céu, um lugar de atividades divinas, oposto à ideia de um santuário celestial metafórico ou noético,

<sup>62</sup> WILSON, 1987, p. 27. O autor de Hebreus tinha a mente imersa no AT. Seu pensamento está saturado de alusões, ecos, tipos e citações do AT. Toda a argumentação do Autor é feita usando alusões ao AT como pano de fundo. Por esse motivo, a investigação sobre o uso do AT em Hebreus é vital para a interpretação do livro, e alguns avanços foram obtidos nos últimos anos. No entanto, como destaca Guthrie, diante da importância do tema, é surpreendente perceber que pesquisas recentes sobre o tema são relativamente escassas (GUTHRIE, George H. *Hebrews in its First-Century Contexts: Recent Research*. In: MCKNIGHT, Scot; OSBORNE, Grant R. (eds). **The Face of New Testament Studies: A Survey of Recent Research**. Grand Rapids: Baker, 2004. Disponível em: [http://www.georgeguthrie.com/recent\\_trends\\_in\\_the\\_study.pdf](http://www.georgeguthrie.com/recent_trends_in_the_study.pdf). Acesso em: 23 set. 2015. p. 430). Ver também GROENEWALD, Alphonso. *A God Abounding in Steadfast Love: Psalms and Hebrews*. In: HUMAN, Dirk J.; STEYN, Gert J. (eds.). **Psalms and Hebrews: Studies in Reception**. The Library of Hebrew Bible/Old Testament Studies, v. 527. London: T&T Clark, 2010; BRUCE, F. F. **The Epistle to the Hebrews**. Grand Rapids: Eerdmans, 1990. p. xxv; VOORWINDE, Stephen. *Hebrews' Use of the Old Testament*. In: **Vox Reformata**. Waurn Ponds, v. 73, 2008, p. 60-82. Disponível em: [http://www.rtc.edu.au/site/DefaultSite/filesystem/documents/Hebrews%20Use%20of%20the%20Old%20Testament%20\(SV\)%2073-2008.pdf](http://www.rtc.edu.au/site/DefaultSite/filesystem/documents/Hebrews%20Use%20of%20the%20Old%20Testament%20(SV)%2073-2008.pdf). Acesso em: 12 mar. 2015; GUTHRIE, George H. *Hebrews' Use of the Old Testament: Recent Trends in Research*. **Currents in Biblical Research**. Thousand Oaks, v. 1, n. 2, 2003, p. 272. Disponível em: <http://cbi.sagepub.com/content/1/2/271.short>. Acesso em: 23 jul. 2015.

<sup>63</sup> BRASIL DE SOUZA, 2005. A tese foi publicada também em português, em forma de livro: BRASIL DE SOUZA, Elias. **O santuário celestial no Antigo Testamento**. Santo André: Academia Cristã, 2015.

<sup>64</sup> Os textos analisados são Gn 11.1-9; 28.10-22; Ex 15.1-18; 24.9-11; 25.9, 40; 32.1-34; Dt 26.15; 2 Sm 22.1-51; 1 Rs 8.12-66; 1 Rs 22.19-23; Is 6.1-8; 14.12-15; Ez 1.1-28; 10.1-22; 28.11-19; Mq 1.2-3; Zc 3.1-10; Is 18.4; 63.15; Jr 17.12; 25.30; Os 5.15; Jn 2.5 [4] e 8 [7]; Hb 2.20; Zc 2.17 [13]; Sl 11.1-7; 20.1-10 [9]; 29.1-11; 33.1-22; 60.1-14 [12]; 68.1-36 [35]; 96.1-13; 102.20-21 [19-20]; 150.1-6; Daniel 7.9-14; 8.9-14; 9.24; Sl 14.1-6; 73.17 e 25; 76.8-9 [9-10]; 82.1-8; Jó 1.6 e 2.1; 2 Cr 30.27.

e existente em correspondência estrutural e vertical com seu equivalente terrestre<sup>65</sup>.

Segundo Brasil de Souza, alguns pesquisadores do AT têm a tendência de subestimar a *realidade* de um santuário/templo celestial, assumindo o modelo de um santuário cosmológico abstrato supostamente defendido pela escola deuteronomista (que destaca a transcendência de Deus, que habita no céu enquanto apenas seu “nome” habita no santuário/templo terreno<sup>66</sup>), ao contrário da escola sacerdotal (que destaca a imanência de Deus, que habita no santuário/templo terrestre através de sua glória)<sup>67</sup>.

A transcendência e a imanência divinas são mantidas em tensão no AT, tanto nos textos deuteronomistas quanto nos sacerdotais, e a teologia subjacente a tais textos não deve ser levada a qualquer um dos extremos. Em outras palavras, a ênfase deuteronomista no céu como habitação de YHWH não se opõe à presença divina no santuário/templo terrestre. Deve-se admitir que YHWH está simultaneamente presente no santuário/templo terrestre e celeste no AT. Além disso, no AT, o santuário celestial e o terrestre apresentam uma correspondência vertical<sup>68</sup>.

Muitos estudiosos reconhecem no AT essa correspondência vertical entre o santuário celestial e o terrestre, tanto na estrutura quanto em seu ritual e em sua liturgia, o que favorece o modelo “santuário *no* céu”<sup>69</sup>. O livro de Hebreus pressupõe a *realidade* do santuário/templo celestial<sup>70</sup>, e apresenta o santuário celestial e o terrestre numa tipologia vertical, assim como o AT (e a literatura apocalíptica judaica).

<sup>65</sup> BRASIL DE SOUZA, 2005, p. 497.

<sup>66</sup> WEINFELD, Moshe. Deuteronomy. In: FREEDMAN, D. (ed.). **Anchor Bible Dictionary**. New York: Doubleday, 1992, v. 2. p. 175-176.

<sup>67</sup> BRASIL DE SOUZA, 2005, p. 180-181, 202-212.

<sup>68</sup> Ver, por exemplo, a discussão sobre 1 Rs 8 e Is 6.1-6 em BRASIL DE SOUZA, 2005, p. 197-221 (especialmente 210-212), 234-244.

<sup>69</sup> Por exemplo, ANDERSON, Arnold A. **The Book of Psalms**. New Century Bible Commentary, v. 2. Grand Rapids: Eerdmans, 1981, p. 955; BROYLES, Craig C. **Psalms**. New International Biblical Commentary. Peabody: Hendrickson, 1999, p. 519; WEISER, Artur. **The Psalms: a Commentary**. The Old Testament Library. Philadelphia: Westminster, 1962, p. 841; DAVIDSON, Richard M. **The Heavenly Sanctuary in the Old Testament**. Faculty Publications. Paper 62. Berrien Springs: Andrews University, 1970, p. 15. Disponível em: <http://digitalcommons.andrews.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1061&context=old-testament-pubs>. Acesso em 12 jul. 2016.

<sup>70</sup> DAVIDSON, 1989, p. 121-186.

Assim, ainda que seja possível identificar a presença de alguma tradição apocalíptica, helenista, gnóstica ou midráshica em Hebreus, é o AT que é fartamente utilizado e considerado divinamente autorizado pelo Autor<sup>71</sup>. Essa característica é de vital importância para a correta compreensão da teologia de Hebreus com relação ao santuário celestial<sup>72</sup>.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo procurou demonstrar que o conceito de um santuário *no céu*, encontrado tanto no AT como na literatura apocalíptica judaica, está bem alinhado ao santuário celestial de Hebreus. É inegável que há paralelos no vocabulário de Hebreus e Fílon (o céu *como* santuário), mas a estrutura conceitual de ambos é bem diferente, por isso muitos estudiosos têm optado pelo judaísmo apocalíptico como importante (mas não única) fonte de influência sobre o Autor<sup>73</sup>. Em suma, na avaliação dos possíveis *backgrounds* conceituais de Hebreus, a posição “santuário *no céu*”, que aparece no AT e na literatura apocalíptica judaica, é mais facilmente justificável que a posição “santuário *como* cosmos”, associada com o judaísmo helenístico platônico<sup>74</sup>.

O *background* veterotestamentário ou apocalíptico também parece ser mais adequado a Hebreus que o platônico por causa do elemento temporal presente em Hebreus, que torna possível a ocorrência de novos eventos, em sequência. Esse aspecto temporal de Hebreus permite a entrada de Jesus no santuário celestial, a execução de rituais sacerdotais e o assentar-se no trono.

Comentando sobre as possíveis relações de Hebreus com o judaísmo, Guthrie avalia que as tentativas de ver fortes conexões com o misticismo *Merkabah*, o gnosticismo ou Qumran falharam<sup>75</sup>. Assim, as possíveis contribuições da apocalíptica judaica, de Qumran, do pensamento de Fílon ou de quaisquer outras

<sup>71</sup> De maneira mais radical, King L. She rejeita que o Autor apresente em Hebreus qualquer influência não-bíblica (SHE, King L. **The Use of Exodus in Hebrews**. *Studies in Biblical Literature*, 142. New York: Peter Lang, 2011, p. 120-122, 166-167).

<sup>72</sup> GUTHRIE, 1984, p. 36.

<sup>73</sup> GUTHRIE, 2004, p. 429 (nota 63).

<sup>74</sup> BARRETT, 1956, Barrett, p. 393; HURST, 1990, p. 42; LANE, 1991a, p. ciii–cxii; ELLINGWORTH, 1993, p. 408; RIBBENS, 2013, p. 119-181.

<sup>75</sup> GUTHRIE, 2004, p. 414-443.

fontes extrabíblicas devem ser levadas em conta, mas avaliadas criticamente à luz do AT.

O que este artigo pretende destacar é que a ideia de um santuário celestial é encontrada abundantemente no pensamento e na literatura judaica, especialmente no AT<sup>76</sup>. Os próprios textos apocalípticos reverberam ideias do AT a respeito de um templo *no céu*, *real* e em plena atividade. A estreita relação entre Hebreus, o AT e a literatura apocalíptica e mística judaica torna possível concluir que, muito provavelmente, o autor de Hebreus reflete o conceito de um santuário celestial *real* (não metafórico ou platônico), *no céu* (não cosmológico), com *dois compartimentos*, onde há atividade sacerdotal (diferentemente do modelo escatológico).

## REFERÊNCIAS

- ADAMS, Edward. The Cosmology of Hebrews. In: BAUCKHAM, Richard et al (eds.). **The Epistle to the Hebrews and Christian Theology**. Grand Rapids: Eerdmans, 2009. p. 122-139.
- ANDERSON, Arnold A. **The Book of Psalms**. New Century Bible Commentary, v. 2. Grand Rapids: Eerdmans, 1981.
- ATTRIDGE, Harold W. **The Epistle to the Hebrews**. Hermeneia. Philadelphia: Fortress, 1989.
- BARNARD, Jordy A. Ronald Williamson and the background of Hebrews. **The Expository Times**. Edinburgh, v. 124, n. 10, 2013, p. 469-479. Disponível em: [https://www.academia.edu/10372862/Ronald\\_Williamson\\_and\\_the\\_background\\_of\\_Hebrews](https://www.academia.edu/10372862/Ronald_Williamson_and_the_background_of_Hebrews). Acesso em: 18 out. 2015.
- \_\_\_\_\_. **The mysticism of Hebrews: exploring the role of jewish apocalyptic mysticism in the Epistle to the Hebrews**. Tübingen: Mohr Siebeck, 2012.
- BARRETT, C. K. The Eschatology of the Epistle to the Hebrews. In: DAUBE, D.; DAVIES, W. D. (eds.). **The Background of the New Testament and its Eschatology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1956, p. 363-393.
- BRASIL DE SOUZA, Elias. **The Heavenly Sanctuary/Temple Motif in the Hebrew Bible**. 2005. 618f. Tese (Doutorado em Teologia) – Andrews University, Berrien Springs, 2005.
- BROYLES, Craig C. **Psalms**. New International Biblical Commentary. Peabody: Hendrickson, 1999.
- BRUCE, F. F. **La Epístola a los Hebreos**. Grand Rapids-Buenos Aires: Nueva Creación, 1987.
- \_\_\_\_\_. **The Epistle to the Hebrews**. Grand Rapids: Eerdmans, 1990.
- \_\_\_\_\_. To the Hebrews or to the Essenes? In: **New Testament Studies**. Cambridge, n. 9, 1963, p. 217-232.

<sup>76</sup> BRASIL DE SOUZA, 2005; HURST, 1990, p. 21-22.

- BUCHANAN, George W. **To the Hebrews**. The Anchor Bible, v. 36. Garden City: Doubleday, 1972.
- CALAWAY, Jared C. **The Sabbath and the Sanctuary: Access to God in the Letter to the Hebrews and Its Priestly Context**. Tübingen: Mohr Siebeck, 2013.
- CANALE, Fernando. Philosophical Foundations and the Biblical Sanctuary. In: **Andrews University Seminary Studies**. Berrien Springs, v. 36, n. 2, 1998, p. 183-206. Disponível em: <http://documents.adventistarchives.org/ScholarlyJournals/AUSS/AUSS19981001-V36-02.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2015.
- CHARLESWORTH, James H. (ed.) **The Old Testament Pseudepigrapha**. 2 vols, Garden City: Doubleday, 1983.
- COCKERILL, Gareth Lee. **The Epistle to the Hebrews**. NICNT. Grand Rapids: Eerdmans, 2012.
- DAVIDSON, Richard M. Inauguration or atonement? A response to Noman Young's "Old Testament Background to Hebrews 6:19-20 Revisited". In: **Andrews University Seminary Studies**. Berrien Springs, v. 40, n. 1, 2002, p. 69-88.
- \_\_\_\_\_. **The Heavenly Sanctuary in the Old Testament**. Faculty Publications. Paper 62. Berrien Springs: Andrews University, 1970. Disponível em: <http://digitalcommons.andrews.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1061&context=old-testament-pubs>. Acesso em: 12 jul. 2016.
- \_\_\_\_\_. Typology in the Book of Hebrews. In: HOLBROOK, Frank B. (ed.). **Issues in the Book of Hebrews**. Daniel and Revelation Committee Series, vol. 4. Silver Spring: Biblical Research Institute, 1989. (p. 121-186).
- ELLINGWORTH, Paul. **The Epistle to the Hebrews**. Grand Rapids: Eerdmans, 1993.
- FAIRHURST, Alan M. Hellenistic Influence in the Epistle to the Hebrews. In: **Tyndale Bulletin**. Cambridge, v. 7-8. Julhode 1961, p. 17-27. Disponível em: [http://98.131.162.170//tyndul/library/TynBull\\_1961\\_07\\_04\\_Fairhurst\\_HellenisticHebrews.pdf](http://98.131.162.170//tyndul/library/TynBull_1961_07_04_Fairhurst_HellenisticHebrews.pdf). Acesso em: 24 ago. 2015.
- GROENEWALD, Alphonso. A God Abounding in Steadfast Love: Psalms and Hebrews. In: HUMAN, Dirk J.; STEYN, Gert J. (eds.). **Psalms and Hebrews: Studies in Reception**. The Library of Hebrew Bible/Old Testament Studies, v. 527. London: T&T Clark, 2010.
- GUTHRIE, Donald. **Hebreus: introdução e comentário**. Série Cultura Bíblica. São Paulo: Vida Nova e Mundo Cristão, 1984.
- GUTHRIE, George H. Hebrews in its First-Century Contexts: Recent Research. In: MCKNIGHT, Scot; OSBORNE, Grant R. (eds.). **The Face of New Testament Studies: A Survey of Recent Research**. Grand Rapids: Baker, 2004. Disponível em: [http://www.georgeguthrie.com/recent\\_trends\\_in\\_the\\_study.pdf](http://www.georgeguthrie.com/recent_trends_in_the_study.pdf). Acesso em: 23 set. 2015.
- \_\_\_\_\_. Hebrews' Use of the Old Testament: Recent Trends in Research. **Currents in Biblical Research**. Thousand Oaks, v. 1, n. 2, 2003. Disponível em: <http://cbi.sagepub.com/content/1/2/271.short>. Acesso em: 23 jul. 2015.
- HURST, Lincoln D. **The Epistle to the Hebrews: Its Background of Thought**. Society for New Testament Studies Monograph Series 65. Cambridge: Cambridge University, 1990.
- JOHNSSON, William G. Day of Atonement Allusions. In: HOLBROOK, Frank B. (ed.). **Issues in the Book of Hebrews**. Daniel and Revelation Committee Series, v. 4. Silver Spring: Biblical Research Institute General Conference of Seventh-day Adventists, 1989.
- \_\_\_\_\_. **In Absolute Confidence: The Book of Hebrews Speaks to Our Day**. Nashville: Southern, 1979.
- KOESTER, Craig R. **Hebrews: A New Translation with Introduction and Commentary**. New York: Doubleday, 2001.

- \_\_\_\_\_. **The Dwelling of God: The Tabernacle in the Old Testament, Intertestamental Jewish Literature, and the Old Testament.** Catholic Biblical Quarterly Monograph Series 22. Washington, DC: Catholic Biblical Association of America, 1989.
- LANE, William. Hebrews 1-8. **Word Bible Commentary.** N. 47a. Dallas: Word, 1991a.
- LINCOLN, Andrew T. **Hebrews: a Guide.** London: T & T Clark, 2006.
- LONGENECKER, Richard N. **Biblical exegesis in the apostolic age.** Grand Rapids: Eerdmans, 1999.
- MACRAE, George. W. The Temple as a House of Revelation in the Nag Hammadi Texts. In: MADSEN, Truman G. (ed). **The Temple in Antiquity: Ancient Records and Modern Perspectives.** Provo: Brigham Young University, 1984. p. 175-190. Disponível em: <https://rsc.byu.edu/archived/temple-antiquity-ancient-records-and-modern-perspectives/temple-house-revelation-nag> . Acesso em: 2 ago. 2016.
- MARTÍNEZ, Florentino García. **Textos de Qumrán.** Madrid: Editorial Trotta, 1992.
- MASON, Eric F. Cosmology, Messianism, and Melchizedek: Apocalyptic Jewish Traditions and Hebrews. In: MASON, Eric F.; MCCRUDEN, Kevin B. (eds.). **Reading the Epistle to the Hebrews: a resource for students.** Atlanta: Society of Biblical Literature, 2011. p. 53-76.
- \_\_\_\_\_. Hebrews and Dead Sea Scrolls: some points of comparison. In: **Perspectives in Religious Studies.** Waco, v. 37, n. 4, 2011, p. 459-479.
- \_\_\_\_\_. **“You are priest forever”:** second temple Jewish messianism and the priestly Christology of the epistle to the Hebrews. Leiden: Brill, 2008.
- MCCULLOUGH, J. C. Hebrews in recent scholarship (Part 1). In: **Irish Biblical Studies.** Belfast, v. 16, n. 2, 1994, p. 66-87. Disponível em: [http://www.biblicalstudies.org.uk/pdf/irish-biblical-studies/16-2\\_066.pdf](http://www.biblicalstudies.org.uk/pdf/irish-biblical-studies/16-2_066.pdf) . Acesso em: 12 set. 2015.
- MOFFITT, David M. **Atonement and the Logic of Resurrection in the Epistle to the Hebrews.** NovTSup 141. Leiden: Brill, 2011.
- MONTEFIORE, Hugh W. **A commentary on the epistle to the Hebrews.** New York: Harper; London: Black, 1964.
- OSBORNE, Grant. **A espiral hermenêutica: uma nova abordagem à interpretação bíblica.** São Paulo: Vida Nova, 2009.
- RIBBENS, Benjamin J. **Levitical sacrifice and heavenly cult in Hebrews.** 2013. 391f. Tese (Doutorado) - Wheaton College, Wheaton, 2013. Disponível em: <http://espace.wheaton.edu/lr/a-sc/archives/theses/201307-PhD-BITH-RibbensBen.pdf> . Acesso em: 12 jul. 2015.
- SANDMEL, Samuel. Paralelomania. In: **Journal of Biblical Literature.** Atlanta, v. 81, março 1962, p. 1-13.
- SCHENKE, Hans-Martin. Erwägungen zum Rätsel des Hebräerbriefes. In: BETZ, Hans Dieter; SCHOTTROFF, Luise (eds.). **Neues Testament und christliche Existenz: Festschrift für Herbert Braun zum 70.** Tübingen: Mohr Siebeck, 1973, p. 421-438.
- SCHENCK, Kenneth. **Cosmology and Eschatology in Hebrews: The Settings of the Sacrifice.** Society for New Testament Studies Monograph Series 143. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- SHE, King L. **The Use of Exodus in Hebrews.** Studies in Biblical Literature, 142. New York: Peter Lang, 2011.
- SOWERS, S. G. **The Hermeneutics of Philo and Hebrews: A Comparison of the Interpretation of the Old Testament in Philo Judaeus and the Epistle to the Hebrews.** Zurich: 1965.
- SPICQ, Ceslas. **L'Épître aux Hébreux.** Paris: J. Gabalda et Cie. Éditeurs, 1952-1953. 2 v.
- \_\_\_\_\_. L'Épître aux Hébreux, Apollos, Jean-Baptiste, les Hellénistes et Qumran. In:

- Revue de Qumran.** Leuven, v. 1, 1959, p. 365-390.
- THOMPSON, James W. **The beginnings of christian philosophy:** the Epistle to the Hebrews. Catholic Biblical Quarterly Monograph series 13. Washington: The Catholic Biblical Association of America, 1982.
- \_\_\_\_\_. What Has Middle Platonism to Do with Hebrews? In: MASON, Eric F.; MCCRUDEN, Kevin B. (eds.). **Reading the Epistle to the Hebrews:** a resource for students. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2011. p. 35-52.
- THURSTON, Robert W. Philo and the epistle to the Hebrews. In: **The Evangelical Quarterly.** Nottingham, v. 58, n. 2. Abril-Junho 1986, p. 133-143. Disponível em: [http://biblicalstudies.org.uk/pdf/eq/1986-2\\_133.pdf](http://biblicalstudies.org.uk/pdf/eq/1986-2_133.pdf). Acesso em 13 ago. 2015.
- VOORWINDE, Stephen. Hebrews' Use of the Old Testament. In: **Vox Reformata.** Waurn Ponds, v. 73, 2008, p. 60-82. Disponível em: [http://www.rtc.edu.au/site/DefaultSite/filesystem/documents/Hebrews'%20Use%20of%20the%20Old%20Testament%20\(SV\)%2073-2008.pdf](http://www.rtc.edu.au/site/DefaultSite/filesystem/documents/Hebrews'%20Use%20of%20the%20Old%20Testament%20(SV)%2073-2008.pdf). Acesso em: 12 mar. 2015.
- WEINFELD, Moshe. Deuteronomy. In: FREEDMAN, D. (ed.). **Anchor Bible Dictionary.** New York: Doubleday, 1992. v. 2.
- WEISER, Artur. **The Psalms:** a Commentary. The Old Testament Library. Philadelphia: Westminster, 1962.
- WESTCOTT, Brooke Foss. **The Epistle to the Hebrews:** the greek text with notes and essays. Grand Rapids: Eerdmans, 1952.
- WILLIAMSON, Ronald. **Philo and the Epistle to the Hebrews.** Leiden: E. J. Brill, 1970.
- \_\_\_\_\_. The Background of the Epistle to the Hebrews. **The Expository Times.** Edinburgh, v. 87, 1976, p. 232-237. Disponível em: <http://ext.sagepub.com/content/124/10/469.full.pdf+html?frame=sidebar>. Acesso em: 17 out. 2015.
- WILSON, R. McL. **Hebrews.** The New Century Bible Commentary. Grand Rapids: Eerdmans, 1987.

